

Resenha

Bäumler, Alfred. *Männerbund und Wissenschaft*. Berlim: Junker und Dünnhaupt, 1934.

A filosofia do militarismo fascista¹

György Lukács*

Alfred Bäumler é o filósofo acadêmico oficial do Terceiro Reich. Prontamente, após a tomada de poder de Hitler, ele foi nomeado professor de filosofia e pedagogia política da Universidade de Berlim. Sobretudo, ele conduziu as mais importantes polêmicas contra os desvios da linha oficial do nacional-socialismo nos órgãos oficiais do nacional-socialismo, por exemplo, contra as teorias cesaristas “antissocialistas” de Spengler.² Seu novo livro (*Männerbund und Wissenschaft* [Associação masculina e ciência], Berlim, *Junker und Dünnhaupt*, 1934) é uma coletânea de ensaios e discursos nos quais ele sustenta de maneira geral, imediatamente antes e depois da tomada de poder por Hitler, as questões relativas à visão de mundo do fascismo e particularmente sua aplicação no “fortalecimento militar do povo”.

Esses ensaios e discursos não são de modo algum interessantes em virtude de seu conteúdo filosófico. Da perspectiva filosófica não contém, como veremos, nada de novo em relação à filosofia da vida [*Lebensphilosophie*] reacionária do período do pós-guerra. Contudo, temos que nos ocupar desta filosofia porque nela é trazida à luz de maneira crassa as contradições entre a demagogia fascista e a realidade, porque nela se apresenta com plena clareza a vacuidade da pretensão de Hitler-Rosenberg de que o nacional-socialismo seja uma nova visão de mundo.

No domínio filosófico a suposta [*sogenannte*] crítica ao idealismo é uma das linhas mais características da demagogia fascista. Nela os nacionais-socialistas, tanto teórica quanto praticamente, exaltam e conduzem ao extremo todas as tendências reacionárias que o capitalismo monopolista em decomposição engendrou, ao mesmo tempo em que pretendem introduzir [*einzuführen*] uma nova era do desenvolvimento

¹ Tradução de Francisco Malê V. Cannalunga (Mestrando em filosofia pela PUC-SP). *Die Philosophie des faschistischen Militarismus*, no original em alemão, é uma resenha escrita por Lukács entre os anos 1934 e 1939 (antes da Segunda Guerra Mundial, o manuscrito original não se encontra datado pelo autor), inédita em qualquer idioma até o momento. O manuscrito original datilografado pode ser consultado online: <<http://real-ms.mtak.hu/21587/>>. Todas as notas e referências são do tradutor.

* György Lukács (1885-1971) foi um filósofo, sociólogo e crítico literário húngaro, amplamente reconhecido como um dos mais influentes marxistas do século XX.

² Oswald Spengler (1880-1936), célebre historiador e filósofo alemão, especialmente durante os anos 1920 após a publicação de sua obra *O declínio do ocidente* [*Der Untergang des Abendlandes*] (1918). Representante tardio do chamado “historicismo” alemão e da “filosofia da vida” [*lebensphilosophie*] foi abordado criticamente por Lukács em sua obra *A destruição da razão*.

que não teria qualquer relação com o desenvolvimento pretérito do capitalismo, que se elevaria por cima da “falsa oposição” do século XIX – a oposição entre o capitalismo e o socialismo marxista – criando algo novo, uma terceira via. No campo da propaganda política essa luta é conduzida como uma luta contra as tendências “idênticas” do liberalismo e do marxismo. Filosoficamente ela aparece como luta contra o idealismo, que os fascistas concebem como a filosofia da era liberal. Bäumler diz em seu discurso inaugural na universidade de Berlim: “a crítica sistemática à tradição idealista é parte do nosso futuro trabalho”. Ele fala inclusive, de maneira muito aberta e áspera, como outros teóricos fascistas, da ruptura ideológica levada a cabo [*vollzieht*] pelo nacional-socialismo com o período clássico da filosofia alemã e fornece uma clara fundamentação política para essa ruptura: “o nacional-socialismo não pode se fundamentar espiritualmente com os conceitos de Fichte [...] A verdadeira perdição [*Verhängnis*] do século XIX foi o da não-coincidência entre a filosofia humanista e a silenciosa filosofia dos soldados do Estado-maior prussiano”. Ele exige [*verlangt*] uma universidade ativista, politizada e fornece também a essa politização uma clara determinação: “Mas uma escola superior, que mesmo no ano da revolução apenas fala da liderança do espírito e das ideias, não da liderança de Adolf Hitler e Horst Wessel,³ é apolítica [...] O princípio do líder [*Führerprinzip*] e o símbolo do nacional-socialismo renomearam [*neugeprägt*] o conceito de ideia”.

Bäumler nem sempre adotou essa perspectiva. Em seu livro, aparecido há 10 anos acerca da *Crítica da faculdade de julgar* de Kant, ele ainda lutava pelas tradições do período clássico, porque naquele tempo ainda via nelas o único bastião ideológico contra o comunismo. A juventude, escrevia ele então, “busca seu líder mais na Rússia do que em Königsberg ou Weimar [...] Nesta circunstância apenas resta para nós a alternativa de *readquirir* ou possivelmente perder para sempre o conteúdo da humanidade que se encerra decididamente em todo o legado da formação alemã”. Como vimos, Bäumler se encontrava à época no ponto de vista liberal da defesa hipócrita da “cultura humanística” em oposição ao avanço da “barbárie bolchevista”. Seu desenvolvimento filosófico até sua posição atual, da suplantação de Fichte e Hegel pelo canalha Horst Wessel, sua liquidação da hipócrita “humanidade” liberal em prol de uma aberta *filosofia da barbárie*, é o desenvolvimento típico de uma grande parte da intelectualidade [*Intelligenz*] alemã; é a reação da burguesia alemã à agudização da luta de classes no período pós-guerra, à ameaça posta pelo amadurecimento da revolução proletária contra a exploração.

A liquidação da ideologia do “humanismo” se dá em Bäumler segundo o esquema geral da propaganda fascista: ele procura difamar todo o período liberal do desenvolvimento alemão; o qual representa como um período da burguesia afluenta, como um período da “urbanidade” e “segurança”. Tal “urbanidade” e “segurança” são filosoficamente contrapostas ao “realismo heroico” baseado em Nietzsche.⁴ A antiga

³ Horst Wessel (1907-1930), membro da *Sturmabteilung* (“SA”), tornou-se mártir entre os nazistas após seu assassinato em 1930 por membros do partido comunista alemão (KPD).

⁴ O conceito de “segurança” [*Sekuritat*], designado para representar o modo de vida da burguesia liberal ocidental, avesso a qualquer tipo de insegurança ou imprevisibilidade, era extremamente corrente entre diversos representantes da intelectualidade burguesa alemã tanto no período anterior à 1914 quanto imediatamente após a Primeira Guerra. A tal concepção eram contrapostas filosofias que valorizavam a proximidade com a morte e a angústia daí decorrente, enquanto fonte da possibilidade de abertura para uma realidade mais autêntica e essencial (a

Alemanha teve um período heroico até aproximadamente o século XIII, quando a cultura urbana suplantou o heroísmo, quando o estilo gótico foi suplantado pelo estilo romano. Até a cidade alemã era inicialmente heroica (Hansa), mas esse heroísmo era “forçado a vestir um falso traje”. O segundo período heroico do desenvolvimento alemão segundo Bäumler – muito caracteristicamente – é dos Lansquenetes⁵ [*Landsknechtheere*] do século XVI. Pela terceira e mais recente vez esse heroísmo irrompeu nos exércitos da guerra mundial. Esse era o heroísmo imaculado [*urwüchsige*] do povo alemão. “Um poder mais antigo que este século se expressou através do povo. A irmandade [*Männerbund*] se restabeleceu com uma força violenta”. A ambígua posição do fascismo com relação ao passado alemão dos Hohenzollern vem bruscamente à tona em Bäumler. Nós já vimos que ele opôs o idealismo clássico à “filosofia silenciosa” do Estado-Maior prussiano. Por outro lado, o nacional-socialismo, em função de sua demagogia, não pode simplesmente se identificar com o regime dos Hohenzollern, tampouco com Bismarck. Bäumler resolve essa ambiguidade de maneira muito característica, acusando o antigo militarismo de fazer concessões à “humanidade” e ao liberalismo, o que ele atribui a erros positivistas. O antigo exército era de fato uma irmandade – segundo Bäumler e Rosenberg, a protoforma do Estado heroico –, mas, resultante das concessões ao *zeitgeist* urbano, apenas o era externamente, não como uma “forma de vida” [*Lebensform*]. Bäumler diz, em síntese: “o militarismo é o heroísmo com má consciência [*Gewissen*]”.

Desse modo, para Bäumler a história alemã possui três grandes épocas: a época pré-romana, que dura até o século XIII; seguida pela época romana da “urbanidade” e “segurança” que dura até a guerra mundial; “com a guerra mundial inicia-se a época pós-romana”. Este é igualmente o fim da época burguesa do desenvolvimento alemão. A conclusão da guerra mundial põe os alemães frente à escolha: “integração à vitoriosa Europa burguesa ou retirada do sistema vital [*Lebenssystem*] burguês”. O último é a missão da “revolução nacional-socialista”.

Assim, Bäumler considera sua principal tarefa fundamentar cientificamente a “nova visão de mundo” [*neue Weltanschauung*] correspondente a essa “revolução”, que é ininterruptamente externada por Hitler, Rosenberg e Goebbels. Seu novo livro contém um ensaio extraordinariamente interessante dedicado a essa tarefa (“A situação histórico-espiritual no espelho da matemática e da física”). Esse ensaio é tão interessante porque nele é patentemente evidente que todos os argumentos gnosiológicos em prol da “nova visão de mundo” são tomados do arsenal do neomachismo [*Neomachismus*].⁶ Seguindo o modelo de Spengler – a quem combate politicamente –, Bäumler procura utilizar os ataques dos neomachistas contra a

realidade da *Volksgemeinschaft*, da comunidade racial-popular) do que aquela da “segurança” burguesa, caracterizada pelo individualismo e atomismo. Esse conjunto de preceitos passou a ser reunido sob o termo de *Kriegsideologie* (ideologia da guerra), cuja formulação mais célebre vincula-se à obra de Ernst Jünger, mas também encontra profundos ecos em *Ser e tempo* de Martin Heidegger (sobretudo em seu conceito de “historicidade”) e serviu de plataforma para grande parte da demagogia nacional socialista. Sobre isso cf. a obra de Domenico Losurdo (1991), *La Comunità, la morte, l'Occidente. Heidegger e l'“ideologia della guerra”*.

⁵ Soldados mercenários de infantaria a serviço do Sacro Império Romano-Germânico durante os séculos XIV e XVII.

⁶ Referente às tendências filosóficas que tomam como ponto de partida a filosofia ultraempirista e sensualista de Ernst Mach (1838-1913).

causalidade e a tendência machista rumo a uma física “indeterminista” sob o fundamento da concepção anticausal da legalidade estatística, para a consolidação de um mito fascista. Ainda assim ele não produz nada de original. Ele simplesmente mitologiza a concepção Schrödingueana da mecânica quântica,⁷ através da qual ele censura Planck⁸ – que se aferra à causalidade – porque ele “represou as consequências filosóficas de sua própria descoberta” para si mesmo. O único elemento novo e original nas observações de Bäumlér é o fato dele procurar com este expediente descreditar com autêntica demagogia fascista a categoria de causalidade, na qual entrevê a expressão filosófica da “segurança” [*Sekurität*] da ordem social liberal. A causalidade é, segundo Bäumlér, “a segurança absoluta. Não oferece nenhuma imprevisibilidade, nenhum fundamento para qualquer medo”. Assim, segundo Bäumlér, a causalidade também é uma mitologia, mas uma mitologia inferior, uma mitologia “não-heroica”. “Essa imagem de mundo era antes chamada de profana, agora nós reconhecemos com olhos aguçados que ela também tem seu Deus: a lei causal, que o átomo serve com rigorosa determinação”.

À filosofia liberal da “segurança” Bäumlér contrapõe a filosofia do “realismo heroico”, uma filosofia da realidade [*Wirklichkeitphilosophie*]. Vejamos mais de perto o que ele compreende por realidade: “somente realidades podem nos salvar, precisamos de realidades, apenas realidades são as infalíveis [*unverrückbare*] estrelas guias de nossas ações. Não preciso tratar do conceito teórico-gnosiológico que utilizo aqui como base. Serei entendido por vós quando digo: uma realidade no sentido que quero exprimir aqui é a grande guerra. *Sobre essa realidade nós não temos opiniões a dar* (meus grifos, G. L.), frente a uma tal realidade nós, antes de mais nada, nos *silenciamos*”. Aqui aparece de modo crasso a bancarrota da filosofia fascista. Assim que Bäumlér cessa de tomar emprestados os argumentos do extremo subjetivismo idealista dos neomachistas, assim que ele se compromete a anunciar seu próprio conceito de realidade, toda a argumentação se encerra, assim como em Hitler, Rosenberg e Goebbels: só há precisamente uma realidade, a do Terceiro Reich, e aqui importa calar e obedecer. A luta contra os vestígios – de todo modo profundamente degenerados – do idealismo clássico aparece aqui como a luta contra a concepção de Kant-Fichte do “homem autônomo”;⁹ é a

⁷ Lukács aqui faz referência aos elementos da mecânica ondulatória desenvolvida por Erwin Schrödinger (1887-1961), apropriados por diversos representantes da física teórica, sobretudo da chamada “Escola de Copenhague”, para fundamentar uma concepção radicalmente subjetivista e anticausal da mecânica quântica, a despeito dos protestos do próprio Schrödinger, ventilados especialmente no célebre artigo *Die gegenwärtige Situation in der Quantenmechanik*, de 1935. Para uma visão ampla da maneira como, sob o influxo do irracionalismo filosófico da *Lebensphilosophie*, o conceito de causalidade foi progressivamente abandonado pelos cientistas e teóricos alemães, cf. o clássico artigo de Paul Forman (1971), “Weimar culture, causality, and quantum theory, 1918-1927” publicado na *Historical Studies in the Physical Sciences* (no artigo, Forman faz explícita referência à obra *A destruição da razão* de Lukács para embasar algumas de suas teses).

⁸ Max Planck (1858-1947) é considerado por muitos como o pai da mecânica quântica. Planck defendeu ao longo de sua vida uma concepção estritamente causal e objetivista da mecânica quântica, em oposição às tendências dominantes em seu tempo. Lukács faz ampla referência aos escritos teóricos de Planck no primeiro volume de sua póstuma *Ontologia do ser social*, contrapondo as concepções de Planck às interpretações neopositivistas da mecânica quântica.

⁹ Referente à concepção acerca da autonomia da vontade moral e sua capacidade de autolegislação [*Selbstgesetzgebung*] independente das leis da natureza e da heteronomia

expressão filosófica da liquidação fascista da democracia burguesa, que há muito apodreceu e tornou-se hipócrita.

Contudo, as contradições do regime fascista não permitem a Bäumler executar sua teoria acerca da “quietude [*Stillstehen*] frente à realidade”. Essa “quietude”, essa ausência de opinião é a práxis do nacional-socialismo, levada a cabo com a força do aço, com tortura e campos de concentração, com a liquidação das forças rebeldes da SA no momento em que elas começaram a formar uma opinião própria sobre a realidade. Mas, ao mesmo tempo, em sua teoria e propaganda, o nacional-socialismo sustenta a ficção demagógica de uma “democracia germânica”. Essa contradição do regime nacional-socialista se reflete na teoria do militarismo fascista de Bäumler, sua teoria do “soldado político”. O soldado político, o SA [*Sturmabteilung*] enquanto o “povo mobilizado politicamente” deve ser o novo no pensamento militar fascista, a soldadesca [*Soldatentum*] como forma de vida [*Lebensform*]. “Por soldado político entendemos o soldado que não apenas obedece, mas que também sabe a *quem* obedece; que não apenas luta, mas que também sabe *pelo que* luta [...] a palavra terra pátria [*Vaterland*], quando eu não indico quem ou o que é a terra pátria, ainda não tem qualquer caráter pictórico... Não se crê que, por exemplo, a questão a favor ou contra o socialismo pode ser mantida longe das tropas a longo prazo”. Isso tudo soa muito radical, completamente de acordo com o sentido da propaganda Gobbelziana, particularmente após a tomada de poder [*Machtergreifung*]. Contudo, naturalmente Bäumler não pode deixar de imediatamente introduzir a correspondente limitação que anula inteiramente toda sua formulação. Ele distingue muito nitidamente, no sentido de sua teoria da realidade [*Wirklichkeitstheorie*] – que, como sabemos, “epistemologicamente” [*erkenntnistheoretisch*] exclui a formação de opinião dos indivíduos –, o soldado político do soldado raciocinante [*räsonnierenden*], politizante [*politisierenden*]. “O soldado politizante é o homem singular que forma sua opinião [...] o soldado politizante significa o fim, a dissolução do exército. Por ‘soldado político’, no entanto, entendemos não o homem singular com sua própria opinião, mas sim um *tipo*: a figura histórica dos soldados de hoje”. Assim, o soldado político é apenas aquele que cumpre estritamente a determinação “epistemológica” Bäumleriana da “quietude” frente à realidade do Terceiro Reich e que não forma qualquer opinião própria – de maneira liberal ou marxista, como fazem cada vez mais homens da SA. Deste modo, Bäumler se mantém plenamente no solo da tradição prussiana. Os antigos *junkers* prussianos assim diziam sob os Hohenzollern: “e o rei é absoluto – se ele fizer a nossa vontade”. O mesmo dizem Hitler e Bäumler de seus “companheiros de povo” [*Volksgenossen*]: eles podem ter uma “democracia germânica” se eles obedecerem cegamente em todas as coisas o Führer, isto é, os barões do capitalismo monopolista; eles podem ter um “socialismo alemão” se eles não opuserem qualquer resistência à constantemente crescente exploração sob o capitalismo monopolista! A demagogia nacional e social do fascismo alemão tende apenas a aumentar após a tomada de poder. É, assim, um dos principais objetivos do nacional socialismo a *mobilização das massas trabalhadoras alemãs para a febril preparação da nova guerra imperialista*. Contudo, com a tomada de poder, emergem diariamente de

resultante de seu encadeamento mecânico-causal. Tanto para Kant quanto para Fichte, a verdadeira perspectiva moral é aquela que não se baseia em qualquer impulso ou necessidade advinda do mundo fenomênico da natureza, mas tão somente da legislação moral situada em um plano puramente racional, distinto do curso determinista e necessário das leis da natureza.

maneira mais forte as contradições entre as promessas demagógicas e a realidade social. Para o filósofo do sistema hitleriano, Bäumler, não resta nada senão procurar superar essas contradições irrevogáveis [*unaufhebbaren*] através de um *salto mortale místico*. O papel é paciente e o que há de mais contraditório pode tranquilamente coexistir nele. Mas na realidade a coisa é completamente diferente. O livro de Bäumler é, portanto, um interessante sintoma de que o fascismo tem uma compreensão mais ou menos clara de que para a mobilização do povo trabalhador rumo a uma nova guerra imperialista são necessários novos métodos, distintos daqueles aplicados pelo regime Hohenzollern, e de que ele procura desesperadamente descobrir tal novo método da demagogia. O livro de Bäumler, que denota o mais alto nível espiritual da Alemanha fascista, aponta o quão incapaz o nacional-socialismo é em dominar intelectualmente as contradições sociais que o fundamentam.

Referências

- LOSURDO, Domenico. *La comunità, la morte, l'Occidente*. Heidegger e l'“ideologia della guerra”. Torino: Bollati Boringhieri, 1991.
- FORMAN, Paul. “Weimar culture, causality, and quantum theory, 1918-1927”. *Historical Studies in the Physical Sciences*, Princeton, v. 3, 1971, p. 1-115.

Recebido em 04 de abril de 2023

Aprovado em 08 de abril de 2024